



ENSAIO

PERFORMANCE NO GRAMADO, POÉTICA NO TEXTO: A CRÔNICA E O CONTO DE FUTEBOL COMO JORNALISMO ESPORTIVO ALTERNATIVO

Rafael Duarte Oliveira Venancio ¹

RESUMO: O presente trabalho deseja analisar o uso da crônica e do conto de futebol como forma alternativa de jornalismo esportivo. O trabalho se estrutura em duas partes: A primeira explica o processo que permite transformar a performance esportiva do futebol em forma poética textual da crônica e do conto. A segunda descreve a importância e a presença histórica desses gêneros textuais na imprensa esportiva brasileira do início até a Copa do Mundo de 2018, bem como a descrição de dois projetos autorais: (1) a série de livros “Microcontos de Futebol” sobre as Copas do Mundo de futebol; e (2) o webdocumentário “Triângulo do Futebol”, apoiado enquanto projeto de pesquisa da Fapemig, sobre a história futebolística no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo Esportivo. Futebol. Poética. Crônica. Conto.*

ABSTRACT: This work aims to analyze the use of the chronicle and the short story about football (soccer) as an alternative form of sports journalism. The work is structured in two parts: The first explains the process that allows to transform the sporting performance of football (soccer) in textual poetic form of the chronicle and the short story. The second describes the importance and the historical presence of these textual genres in the Brazilian sports press, from the beginning to 2018 World Cup, as well as the description of two authorial projects: (1) the "Microcontos de Futebol" series of books about football World Cups; and (2) the webdocumentary "Triângulo do Futebol", supported as a research project by Fapemig, on the history of football in the Triângulo Mineiro and Alto Paranaíba.

KEYWORDS: *Sports journalism. Football (soccer). Poetics. Chronicle. Short story.*

¹ Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Em abril de 1966, o Brasil fez uma polêmica convocação de 46 jogadores para tentar o tricampeonato – sob aura de favoritismo indiscutível – na Inglaterra. Os jornais relatavam o caso da maneira usual, ou seja, com listas, comentários e perfis lembrando as numerosas escolhas, acima da tradicional lista de 22 nomes, bem como alguns esquecimentos. No entanto, o *Correio da Manhã* de 3 de abril de 1966 apresentou uma forma distinta de relatar isso de autoria do seu colunista esportivo, Carlos Drummond de Andrade:

A Seleção

Vai Rildo, não vai Amarildo?
Vão Pelé e, que bom, Mané,
O menino gaúcho Alcino
e nosso veterano Dino,
Altair, rima de Oldair,
ecoando na ponta: Ivair,
e na quadra do gol: Valdir.
Fábio, o que não pode faltar,
e também não pode Gilmar,
como, entre os santos dos santos,
o patriarca Djalma Santos,
sem esquecer o Djalma Dias
e, entre mil e uma noites, Dias.
Mas se a Comissão não se zanga,
Quero ver, em Everton, Manga.
É canhoto, e daí? Fefeu,
quando chuta, nunca perdeu.
A chance que lhe foi roubada,
desta vez a tenha Parada.
Paraná, invicto guerreiro
Para guerrear como aqui, lá.
Olhando para o chão, Jairzinho
é como joga legalzinho.
Não abro mão de Nado e Zito,
nem fique o Brito por não-dito.
Ditão, é claro, por que não?
e o mineiríssimo Tostão,
o grande Silva, corintiana
glória e mais o áspero Fontana,
Dudu, Edu... e vou juntando
bons nomes ao nome de Orlando,
para chegar até Bellini
em cujas mãos a taça tine.
Célio, Servílio: suave eles
já completados por Fidelis.
Edson, Denilson e Murilo,
cada um com seu próprio estilo.

Um lugar para Paulo Henrique
enquanto digo a Flávio: fique!
Com Paulo Borges bem na ponta
eu conto, e sei que você conta.
Na lateral, Carlos Alberto
estou certo que vai dar certo.
Acham tampinha Ubirajara?
Valor não se mede por vara.
Até parece de encomenda:
Leônidas, nome que é legenda.
E se Gerson do Botafogo
entra em campo, ganha o jogo.
Não podia esquecer o Lima
e seu chute de muita estima.
Com tudo isso e mais Rinaldo
e o canarinho de Ziraldo,
quarenta e seis, se conto bem
– um time igual eu nunca vi
em Europa, França e Belém –
que barbada seria o Tri,
hein? (ANDRADE, 2002, p. 71-72)

Dessa forma, a imprensa brasileira articulava o factual com o literário quando o assunto era o futebol, aumentando o imaginário e, no limite, a poeticidade do esporte. Seja poetas como Carlos Drummond de Andrade, dramaturgos como Nelson Rodrigues, escritores como José Lins do Rego ou mesmo jornalistas tal como Mário Filho e Thomaz Mazzoni, a palavra solta era a característica do jornalismo esportivo mais do que o relato frio dos fatos do esporte.

O presente ensaio deseja analisar o uso da crônica e do conto de futebol como forma alternativa de jornalismo esportivo. O ensaio se estrutura em duas partes. A primeira explica o processo que permite transformar a performance esportiva do futebol em forma poética textual da crônica e do conto. A segunda descreve a importância e a presença histórica desses gêneros textuais na imprensa esportiva brasileira do início até a Copa do Mundo de 2018, bem como a descrição de dois projetos autorais: (1) a série de livros “Microcontos de Futebol” sobre as Copas do Mundo de futebol; e (2) o webdocumentário “Triângulo do Futebol”, apoiado enquanto projeto de pesquisa da Fapemig, sobre a história futebolística no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

1. Do gramado ao texto: A performance e poética do futebol enquanto drama transformado enquanto conto e crônica

Nesta primeira parte analisaremos, em forma resumida, o processo que permite transformar a performance esportiva do futebol em forma poética textual da crônica e do conto. Primeiro analisaremos o conceito de performance e sua aplicabilidade no esporte, especialmente no futebol. Depois a noção de poética e sua aplicação clássica no texto e a heterodoxa no esporte, mais precisamente no futebol. Por fim, analisaremos os gêneros textuais da crônica e do conto e seu hibridismo.

O futebol é uma performance esportiva. Isso parece claro quando pensamos na ideia da performance enquanto dado físico ou biológico. O time que melhor performa os fundamentos do jogo, vence. Além disso podemos pensar na performance física estética. O futebol tem movimentos de corpo, tal como uma dança ou um teatro, e isso se torna plástico. No entanto, há outra performance que o esporte possui: a social, elaborando uma noção estética de drama social defendida por Victor Turner:

Como descobriu Turner, em um processo que obedecia sempre a uma sequência padronizada de ações englobadas pelas quatro conhecidas fases do drama social:

1. crise: tudo começa com o reconhecimento de uma crise que irrompe no cotidiano tornando manifestas tensões latentes inerentes às relações e interações sociais.
2. ampliação da crise: os sujeitos/atores atingidos atuam e acionam suas redes de parentela, relações de vizinhança e amizade; a crise se amplia gradualmente, atingindo novas esferas e envolvendo cada vez mais atores.
3. regeneração: alguns dos sujeitos/atores envolvidos mobilizam-se em prol de soluções e esforços de conciliação que implicam sempre a realização de ações rituais e amplos rituais coletivos.
4. rearranjo ou cisão: se bem-sucedidos, os esforços da fase anterior implicam um rearranjo e redefinições de posições e relações e, se malsucedidos, configuram o rompimento do grupo aldeão, traduzido na sua cisão que segue as clivagens de parentesco e na criação de uma nova aldeia organizada, contudo, segundo os mesmos princípios estruturais.

Esse modelo descritivo é também analítico e agrega tanto dimensões mais estritamente sociológicas como acopla, de modo criativo, as determinações socioestruturais das condutas sociais a margens de

escolhas e atuação subjetivas e individualizadas. Os atores sociais dos dramas analisados por Victor Turner logo se tornam personagens vívidos, cheios de traços peculiares e características, qualidades e defeitos, muito pessoais. Mais do que isso, a experiência vivida por eles no desenrolar do drama é subjetivada, produz reflexividade, e pode modificar o próprio sujeito e seu grupo. Todas essas características seriam mais tarde transpostas por Turner para a ideia de performance (CAVALCANTI, 2013, p. 416)

Todos esses elementos de performance – esportiva, plástica e social – podem se conjugar esteticamente dentro do mundo literário através da poética. Normalmente vinculamos a poética ao poema, mas tal como Heidegger nos lembra isso é uma falácia. A poética, o ato de fazer algo com a linguagem, não se vincula necessariamente com um produto que é o poema.

Isso leva a uma noção de poética mais ampla, vinculado à ideia de criação onde a poética enquanto forma de pensamento “tem uma função criadora: ele estrutura as mentalidades, o imaginário coletivo, as representações que servem de apoio às civilizações. Além disso, a poética tomada nesse sentido aplica-se à literatura e à poesia.” (SUHAMY, 1988, p. 96).

Assim, essa força criadora pode ser canalizada em qualquer forma de expressão artística textual. No Brasil, e no caso do futebol entre outros temas, verificamos esse uso poético frequente na crônica e no conto, bem como seu hibridismo.

Definir a crônica é um processo difícil em termos de literatura brasileira, especialmente pelo fato dele necessariamente ser híbrido aos olhos da crítica literária em português: “Ocorre que diante do hibridismo inerente ao gênero, disparidades classificatórias têm se confrontado. De um lado, a consideração da crônica enquanto gênero menor; de outro, a dúvida sobre sua natureza jornalística ou literária” (AIMÉE, 2008, 22).

Críticos como Antonio Candido preferem classificar a crônica pelo processo híbrido que a compõe:

Candido sugere quatro, ao longo de “A vida ao rés-do-chão”:

- Crônica-Diálogo – quando o cronista e seu interlocutor se revezam trocando pontos de vista e informações (ex.: Carlos Drummond, Fernando Sabino).
- Crônica Narrativa – quando apresenta alguma estrutura de ficção, semelhante ao conto (ex.: Rubem Braga).

- Crônica Exposição Poética – quando faz uma divagação sobre um acontecimento ou personalidade, tecendo uma série de associações (ex.: Paulo Mendes Campos).
- Crônica Biográfica Lírica – narrativa poética da vida de alguém (ex.: Paulo Mendes Campos). (AIMÉE, 2008, p. 25)

Assim, como o Brasil desenvolve a crônica de jornal próximo dessas fórmulas onde o dia a dia – que internacionalmente é o objeto da crônica *per se* – se mistura com fórmulas do texto ficcional, é difícil distinguir a crônica do conto em muitos autores do desenvolvimento do movimento modernista da literatura brasileira. E, tal como veremos, esses modernistas entrarão na imprensa esportiva e revolucionarão a forma de ver o futebol logo no começo de sua popularização nos anos 1930 e 1940.

2. As formas literárias do jornalismo esportivo brasileiro

Nesta segunda parte analisaremos, em forma resumida, a história “literária” do jornalismo esportivo brasileiro. Partindo do fim da primeira parte, onde foi analisado os gêneros textuais da crônica e do conto, mostraremos sua aplicação ao futebol na imprensa esportiva brasileira na história e na atualidade. Além disso, mostraremos iniciativas do presente autor neste campo.

7

2.1 Pequena história da literatura de futebol como jornalismo esportivo na imprensa brasileira

Um uso mais literário das notícias do esporte, especialmente do futebol retoma aos próprios “pais” da imprensa esportiva brasileira: Thomaz Mazzoni e Mário Filho. Thomaz Mazzoni em São Paulo e Mário Filho no Rio de Janeiro com seus jornais – Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports, respectivamente – foram centrais na consolidação da imprensa esportiva, baseada nas notícias de futebol, no Brasil.

Em São Paulo,

os mais jovens, com certeza, não saberão de quem se trata. Mazzoni é autor de mais de 20 livros na literatura esportiva, alguns, referências absolutas, além de trabalhar durante quatro décadas em um dos maiores jornais de esporte do país. Ganhou até o apelido de “Olimpicus” de tanto conhecer sobre diversas modalidades esportivas. Mas o futebol sempre foi sua maior paixão. (...) Começou a jogar na várzea, nos desconhecidos times do São Cristóvão e Eduardo Prado, e os pais garantiam que era um excelente ponta-esquerda. Todavia, em

1918, Mazzoni fraturou a perna, nunca mais pode jogar, e, aos 18 anos, iniciava uma das carreiras mais brilhantes do jornalismo esportivo brasileiro no pequeno São Paulo Esportivo.

Melhor para a história da imprensa esportiva, que a partir daquele momento ganhou uma de suas maiores referências. Mazzoni nunca mais parou de escrever. Foram livros, almanaques, revistas e muitas viagens pelo mundo inteiro, com clubes e seleções.

Em 1927, o jornal São Paulo Esportivo já estava pequeno para as suas ideias. Nesse ano ele teve a ideia de lançar o Almanaque Esportivo, o primeiro de uma série de 22 que publicaria em sua longa carreira. Seu nome começava a ganhar peso no cenário jornalístico. Escrevia para O Combate, São Paulo Jornal e no recém-criado Diário Nacional, além de tornar-se diretor do semanário A Estampa Esportiva.

Mazzoni não parava de sonhar com voos maiores, e no ano seguinte, 1928, foi contratado pelo empresário Cásper Líbero para trabalhar em seu jornal A Gazeta. Nunca mais deixou de escrever sobre todas as modalidades esportivas no jornal até o dia de sua morte, quarenta anos depois. (...) Mazzoni era considerado por diversos companheiros de profissão um camarada muito chato. Arrumou polêmicas com muita gente, mas o que ninguém podia negar era o seu talento. Em 1940, talvez cansado de tanto criticar a postura de outros jornalistas, decide escrever o primeiro romance da literatura esportiva. O livro Flô, o melhor goleiro do mundo virou sucesso, pelo menos na visão de produtores argentinos, que só não adaptaram a obra para o cinema por falta de acordo financeiro entre o autor e produtor.

Em 1943, Mazzoni saiu vencedor em um concurso literário promovido pela Federação Paulista de Futebol, batizado de Getúlio Vargas Filho, conseguindo, assim, publicar três trabalhos intitulados Regras e Arbitragem. (...) Além da inteligência, ele tinha manias curiosas: “Thomaz era uma figura inteligentíssima, engraçado, focado nos seus escritos. Não era muito de falar, vivia mais nos seus garranchos, e assim como Assis Chateaubriand escrevia só à mão, com caneta tinteiro. Sentava-se em sua mesa e escrevia o comentário que ia na terceira página de A Gazeta Esportiva, que era sempre o ponto de vista do jornal. Mazzoni era um defensor ferrenho das coisas do Brasil. Era o Nelson Rodrigues de São Paulo, não se comparando as personalidades e os talentos para a escrita. Nelson era um gênio literário. Mazzoni foi um grande jornalista. Ambos eram fanáticos pelo futebol, e uma criatividade incrível em torno dos fatos que transformavam em títulos, capítulos e resenhas fantásticas”, relembra Paulo Planet Buarque, um dos jovens jornalistas que começaram a trabalhar na nova fase de A Gazeta Esportiva (RIBEIRO, 2015, s/n).

Já no Rio de Janeiro, Mário Filho é lembrado por ser o nome do Estádio do Maracanã, mas foi uma figura de imprensa tão gigantesca quanto o estádio:

No Jornal dos Sports, Mario criou o Torneio Rio-São Paulo, que reunia os grandes clubes das duas cidades, sendo o embrião do Campeonato Brasileiro; os Jogos da Primavera; o Torneio de Pelada no Aterro do Flamengo; os Jogos Infantis e a Copa Rio, que reuniu os campeões carioca e paulista do ano anterior contra campeões estrangeiros – mas a competição só aconteceu por duas edições, devido aos custos de trazer os times de fora.

Simultaneamente à realização os eventos, Mario promovia mudanças marcantes na cobertura esportiva. Ampliou a forma de cobrir e abordar o assunto. Foi além do resultado do jogo. Passou a falar sobre treinos, contratações de jogadores, escalações, esquema tático...Realizava entrevistas com os jogadores, vivia à beira dos gramados. Circulava pelos restaurantes, bares e cafés frequentados pelas equipes. Passou a publicar fotos dos atletas em ação, comemorando e fazendo gols. Aposentou as habituais fotografias posadas de terno, nas quais parecia que os jogadores estavam numa cerimônia de formatura. Os textos perderam os excessos de enfeites e ganharam a linguagem das arquibancadas. Isso atraiu a leitura dos torcedores e os aproximou de seus times. (...)

[Em 1947], ele lançara uma obra fundamental, O negro no futebol brasileiro. Com esse livro, uma espécie de Casa-grande & senzala do esporte, com prefácio, inclusive, do próprio Gilberto Freyre, Mario Filho inovou mais uma vez. Realizou um trabalho de pesquisa baseado na oralidade. Era, afinal, a sua única forma de documentar a história, pois os jornais e as revistas não traziam matérias sobre esportistas negros. Muito menos havia documentos dos clubes que registrassem de forma decente a presença desses jogadores. Numa centena de entrevistas, foi atrás de torcedores, futebolistas e dirigentes.

Na nota à primeira edição, em 1947, ele registra a lacuna: “O futebol, hoje, enche páginas da imprensa mais austera, menos esportiva. Nem sempre, porém, foi assim. Basta percorrer as coleções dos jornais e das revistas de 30, de 40 anos atrás. O futebol só interessou às folhas depois de se tornar uma paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros clans, o futebol quase não existia para os jornais. Por isso a consulta de jornais até 10 pode servir, quando muito, para estatísticas de resultados de jogos. Somente depois de 10 é que o futebol, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados do chamado esporte bretão, cada um com o seu clube, escrevessem crônica, às vezes assinadas com iniciais” (...)

Pode-se dizer que Mario, o humanista, além de inventor da crônica esportiva moderna, foi inventor também de Nelson Rodrigues como cronista esportivo. Mas cada um tinha o seu estilo, Mario era mais objetivo, coloquial e irônico, e Nelson barroco, poético, hiperbólico. Ambos tinham muito humor, cada um com o seu. Ainda hoje muitos leitores se dividem entre qual foi o melhor cronista esportivo de todos os tempos. Mas o veterano jornalista e apresentador José Trajano não

tem dúvida: “Ele é o maior de todos. Nenhum de nós, jornalistas esportivos, somos capazes de engraxar os seus sapatos. Não me venham de Armando Nogueira, João Saldanha, Thomas Mazzoni ou Nelson Rodrigues, irmão dele, todos sensacionais e de se tirar o chapéu. Perto de Mário Filho eles estão distantes anos-luz”. (...)

Após a morte do irmão mais velho, Nelson Rodrigues virou uma espécie de guardião de sua memória. Costumava citar Mário Filho em suas crônicas esportivas. Numa delas, lamentou: “O maior estádio do mundo tem o seu nome. Pena é que não o tenham enterrado lá. Com o Maracanã por túmulo, Mário Filho mereceria que o velassem multidões imortais” (NASCIMENTO, 2018, s/n).

A atuação de Mário Filho no incentivo das crônicas de seu irmão, dramaturgo em ascensão, fez com que os demais jornais chamassem outras figuras do mundo literário para comentar o futebol. Alguns, tal como José Lins do Rego e seu amor fanático pelo Flamengo, se recusavam a escrever sobre outros times que não fossem o seu. No caso de outros, tal como Carlos Drummond de Andrade, a seleção brasileira era sua principal atenção no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, apesar de comentar com carinho sobre o Vasco da Gama. Além disso, jornalistas de profissão também iniciavam nessa vereda, notavelmente Armando Nogueira.

10

No entanto, craque em misturar ficção e jornalismo esportivo era Nelson Rodrigues mesmo. Personagens tais como Sobrenatural de Almeida e o famoso “complexo de vira-lata” ecoavam nas reportagens. Mário Filho arriscava também seus personagens, tal como o Sapo de Arubinha, mas sem o mesmo iconismo literário.

Se formos olhar em amplo espectro, essa característica da imprensa brasileira, iniciada nos anos 1930, é muito próxima de outras de língua latina de futebol, tal como a argentina, a uruguaia e a italiana que apresentou figuras tais como Roberto Fontanarrosa, Eduardo Galeano e Gianni Brera, respectivamente. Talvez podemos pensar que ela, em termos de data, é até predecessora.

Isso até mesmo se vincula ao posterior movimento jornalístico do *New Journalism* nos Estados Unidos, lembrando que umas das primeiras reportagens do chamado jornalismo literário foi Hunter Thompson cobrindo as primeiras edições do Super Bowl do futebol americano na nascente NFL nos anos 1970.

Com o avanço do futebol para a televisão, as crônicas e contos esportivos começaram a entrar na televisão. Nelson Rodrigues foi também um dos seus pais na Grande Resenha Facit invadindo os anos 1970 até o início dos anos 1980.

Os anos 1980 até o início dos anos 1990 foram menores em exemplos, mas há a manutenção da tradição de colunas deste jeito. Figuras tal como Moacyr Scliar começam a falar mais de futebol, especialmente em época de Copa do Mundo ou final de Campeonato Brasileiro, mas também começam a surgir ex-jogadores com verve literária, tal como Tostão e suas colunas na imprensa escrita brasileira.

Além disso, José Roberto Torero e seus personagens também invadiam a imprensa escrita, especialmente o médium Zé Cabala que se comunicava com craques que já estavam em outra dimensão. O corpo ficcional de Torero se transforma em livros, onde *Futebol é bom para cachorro* se destaca.

O surgimento do jornal Lance! em 1997 dá novo gás para as crônicas e contos ficcionais com a criação de colunistas ficcionais para os grandes clubes do Brasil.

Nada expressa melhor o tom escapista, próximo ao universo das histórias em quadrinhos, adotado pelo Lance! do que a seção “Fala, Doente!”, presente desde o primeiro número do jornal. Cada clube tem um colunista que escreve nesta seção. Seus nomes e perfis foram inventados e as fotinhos que o jornal usa para identificá-los foram roubados de revistas antigas na véspera do lançamento do jornal. Eles representam o torcedor apaixonado, sem nenhuma racionalidade, que comenta aspectos do time em momentos importantes. Os textos eram escritos por jornalistas do Lance!, sempre com um toque de humor e alguma inverossimilhança, de maneira a deixar claro que aquilo era uma ficção.

O tom ficcional e lúdico começa na escolha do nome dos colunistas da seção, que procura realçar clichês sobre o torcedor de cada time. “Vital de Almeida, marquês de Laranjeiras” é o colunista do Fluminense, time com fama elitista, localizado no bairro de Laranjeiras. “Scarlet Breu, viúva da geral” representa o torcedor do Flamengo, negro pobre, que assiste aos jogos do setor mais barato do estádio, a geral. “Bob Colina, filósofo do relvado” chama a atenção para um apelido do time (“Vascão da Colina”) e reforça o estereótipo de burrice associado aos descendentes de portugueses, que forma parte da torcida. “Nilton Severiano, general de uma estrela” associa o nome de um ídolo do Botafogo (Nilton Santos) ao apelido do time (“Estrela solitária”) e ao nome da rua onde fica a sede do clube (General Severiano). “Tião Fiel, sofredor graças a Deus”, como no caso do apelido do torcedor do Flamengo, busca associar o corintiano típico a alguém do povo, um “Tião”. Máximo Divino, acadêmico do Bixiga” reforça os estereótipos étnicos associados ao torcedor do Palmeiras, sugerindo se tratar de um intelectual morador de bairro de classe

média baixa da cidade. “Pedro Henrique Bueno de Toledo, bicampeão mundial” busca associar o torcedor do São Paulo à elite paulistana por meio de um sobrenome quatrocentão. “Doca Gonzaga, professor de história” ironiza o fato de o torcedor do Santos viver das glórias do passado, de Pelé, quando o time chegou a ser bicampeão do mundo (STYCER, 2015, s/n)

Por fim, na televisão, Pedro Bial ficou famoso pelas crônicas feitas durante a Copa de 2002, quando o Brasil venceu o pentacampeonato mundial, e também na Copa de 2006. No entanto, é lembrado mais por receber algumas críticas tal como essa:

Então, dois dias sem jogos e penso com os meus botões: iupi! Pelo menos dois dias sem as crônicas imbecis do Bial!! Bom, ledo engano. Ontem no Jornal Nacional, lá estava ele, achando que é *o* cronista esportivo o que afinal de contas, não é. Eu sei porque não sou a única a reclamar, já que na Ilustrada da Folha desse último domingo ele e suas crônicas estiveram presentes na lista dos piores momentos da Copa (coloco a matéria no final desse post).

Sabe, não é que ele seja ruim, porque ruim ele não é. Já li o Crônicas de Repórter e pelo menos quando eu tinha uns 15, 16 anos (idade que tinha quando li), gostei bastante do estilo dele. Mas gente, prefiro final com Argentina do que ouvir essas crônicas.

Como prometi, a reportagem que saiu na Folha, que pode ser lida desse o início nesse link aqui. Caso precise de senha para ler, deixo aqui o trecho que diz respeito ao que eu estava falando:

Talvez cansado do show de realidade que comanda na Globo, Pedro Bial preferiu nesta Copa subir aos céus do lirismo. Suas crônicas estilizadas, que mimetizam a “poética” do veterano Armando Nogueira, enchem de imagens constrangedoras os lares brasileiros. E vão influenciando seus colegas de cobertura -Cesar Tralli já desponta como promissor discípulo (ANICA, 2006, s/n).

Podemos dizer que, no limite, as críticas a Bial representam o avanço da imprensa esportiva brasileira no século XXI para o interesse ao comentário de ex-jogadores, a compreensão de curiosidades históricas pontuais (introduzidas por Marcelo Duarte, Celso Unzelte e outros em programas da ESPN Brasil e TV Cultura), a leitura de estatísticas (representadas pelo pioneiro Paulo Vinícius Coelho) e compreensão de esquemas táticos do que por uma poética do futebol, restrita a poucos representantes e sem muitas figuras literárias de destaque.

2.2 A presença atual da literatura de futebol como jornalismo esportivo na imprensa brasileira

Em tempos de Copa do Mundo de futebol de 2018, realizada na Rússia, verificamos os poucos relatos de uso literário do futebol na imprensa esportiva, mantendo a tendência dos últimos anos. Isso não significa que não tenha algumas iniciativas que buscam reverter tal tendência.

O uso de maior acesso de audiência são as ocasionais – sem periodicidade – crônicas televisionadas de Tadeu Schmidt no Jornal Nacional ou no final das transmissões de jogos do Brasil ou de dita importância na transmissão em TV aberta na Rede Globo de televisão. Um dos exemplos, por exemplo, foi o comentário sobre o uso do VAR (chamado pela imprensa brasileira de árbitro de vídeo) na Copa do Mundo². A transcrição mostra o uso de características tradicionais do uso do gênero textual pela imprensa esportiva:

Um grande goleador, consagrado nos clubes, conseguindo seu primeiro gol numa Copa... poderia ser o estreado do dia.
O problema é que do outro lado estava 'A' estreado mais querida da Copa! Menor país da história a jogar um mundial!
Primeiro jogo! Primeiro gol! E primeira demonstração de grandeza!
Um negócio tão 'empolgantson', que quando a gente 'percebson', está 'falandson' desse 'jeitson'!
O técnico-dentista montou o time com a defesa praticamente impenetrável.
Mesmo quando o gênio do outro lado bateu o pênalti, o goleiro-cineasta, como um 'gatson'!
Garantiu o empate! Histórico!
Mas um gesto é a imagem mais importante do dia. Ele vai, para sempre, marcar a Copa da Rússia!
Árbitro de vídeo! Com a bola rolando, o juiz não teria marcado pênalti. Com ajuda do vídeo, ele marcou!
Já pensou se isso existisse em 1982? O futebol-arte poderia ter sido campeão.
Já pensou se existisse em 1986? Os argentinos não fariam da tal "mão de deus" até hoje. Né?
Já pensou quantos resultados teriam mudado se houvesse tecnologia para ajudar?
Então, cá entre nós. Demorou! No século 21, a gente ainda ficar com esse tipo de dúvida, tão simples de ser esclarecida...
Hoje, poderia ter sido 1 a 0 para um time! Foi 2 a 1 para o outro!

² Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/06/cronica-tecnologia-do-arbitro-de-video-no-3-dia-de-copa.html>

E logo no primeiro dia, o VAR apontou dois pênaltis.
Aquele papo furado de "ah, tem que deixar a polêmica para o dia seguinte..." Oi?!
Legal mesmo é não deixar o injusto definir o destino.
E tenho 'dit-son'! (SCHMIDT, 2018, s/n)

É bom lembrar que Tadeu Schmidt é artífice de um quadro de tons ficcionais, quase infanto-juvenis, dos “Cavalinhos” do *Fantástico* que acontece no fim de cada rodada do campeonato brasileiro de futebol, criando estorinhas próprias. O eco aqui é uma referência clara à Zebrinha que o *Fantástico* utilizava em seus programas nos áureos tempos da Loteria Esportiva no país. Para a Copa de 2018, há a atuação do Cavalinho da Seleção Brasileira em uma estória própria intitulada “O caminho do Hexa”.

Há também o relato da presença de sites e perfis de rede sociais utilizando esses recursos. No Instagram, por exemplo, há o perfil “Futebol em palavras” (@cronfut) criado em 2015 para publicar textos que se assemelham à mistura entre conto e crônica que, tal como mencionado anteriormente no presente ensaio, é comum na imprensa esportiva. O jogo Alemanha e Suécia na primeira fase foi relatado, junto a uma foto do gol de Toni Kroos, desta maneira:

Cheguei em casa correndo pra pegar os minutos finais da partida. Liguei a televisão. Timo Werner (acho que era ele) corria pela esquerda com a redonda nos pés. O marcador estacou diante dele. Timo acelerou e jogou a bola pra frente e o defensor atingiu o atacante. Falta. “Vish”, pensei, “a Alemanha vai ter mais uma chance de jogar a bola na área.” Piada, né?

Noventa e nove em cem jogadores colocariam aquela bola na área, num chuveirinho característico do desespero. O famoso “joga lá dentro e vê no que dá”. Quando Kroos rolou a bola para Reus eu ainda achei que ele ia cruzar. Por isso, quando a bola foi chutada em direção ao gol, eu me vi assistindo a um filme cuja reviravolta (ou o plot twist) fez com que eu me envergasse diante da tela, não acreditando que aquilo era possível.

Não vou dizer quais são as reviravoltas dos filmes, mas se você assistiu ao Sexto Sentido, Amnésia ou Garota Exemplar, por exemplo, sabe do que eu estou falando (sem entrar na qualidade dos filmes). E não tive alternativa senão gritar um palavrão quando saiu o gol de Kroos, na gaveta.

Porque foi inesperado, como o futebol é.
Porque foi bonito, como o futebol é.

Porque nos lembrou sobre a necessidade de persistir até o apito final.

E porque gosto de histórias com finais surpreendentes, ainda que eu não os considere sempre felizes, como foi essa partida entre Alemanha e Suécia (CRONFUT, 2018, s/n).

Além disso, no universo dos livros, há a iniciativa, por parte do presente autor, de microcontos da Copa do Mundo que será descrito a seguir.

2.3 A série “Microcontos de Futebol” sobre Copas do Mundo

Durante o primeiro semestre de 2018, nos meses que antecederam a Copa do Mundo de Futebol de 2018, o presente autor desenvolveu a série de livros dentro da coleção “Microcontos de Futebol” sobre a história da Copa do Mundo. Os livros são publicados pela plataforma KDP da Amazon, tendo versões ebook e impressas disponíveis pelos sites da Amazon de cada país. O mote inicial desta coleção pode ser resumido pelas palavras iniciais da introdução de cada um dos livros da série:

A ficção de futebol é um exercício difícil, especialmente porque a realidade do esporte parece mais interessante do que qualquer história inventada. Um baú gigantesco de histórias fantásticas de futebol pode ser encontrado nas Copas do Mundo, competição máxima do esporte (VENANCIO, 2018, p. 7).

15

A série é composta por vinte livros. Cada um representando uma Copa do Mundo. Para cada jogo de cada Copa, há um microconto de 100 palavras que traz destaque para algum fato de interesse que representou aquela partida de futebol.

Esses microcontos são um misto de conto e crônica, muito populares na imprensa brasileira com autores tais como Carlos Drummond de Andrade, Moacyr Scliar, Nelson Rodrigues, entre outros. Drummond os chamava de historinhas ou cronicontos. Moacyr Scliar pegava uma manchete de jornal e fazia uma ficção em cima dela. Nelson Rodrigues articulava tais textos no guarda-chuva da “A vida como ela é”. Assim, as fronteiras entre fato e ficção não são postos por uma condição de Realismo Fantástico tal como o resto da América Latina, mas sim por uma escolha mais brasileira. Escolha essa que é bem representada pelas atitudes de Chicó, bravo coadjuvante de O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, ou, até mesmo, pelo dito popular de que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. (...) Para fins formais, os microcontos possuem exatas 100 palavras. Esse gênero textual, em língua inglesa, é conhecido como drabble. Isso reforça o

exercício criativo posto para (re)contar os jogos que formaram a competição (VENANCIO, 2018, p.7-9)

Um exemplo deste microconto que traz uma estória sobre uma história pode ser visto a seguir:

A certeza

- Pai? Vamos ganhar essa Copa?
- Com certeza, filho!
- Como você pode ter certeza?
- Vamos pensar. Onde a Copa está sendo jogada?
- Aqui no Uruguai.
- Quem possui o melhor estádio da América?
- A gente.
- Então, está tudo do nosso lado. Até na estreia do nosso time hoje, deu tudo certo.
- Foi porque vencemos?
- Mais do que isso? Os peruanos fizeram de tudo, mas quem fez o gol?
- O Manco?
- Sim. Aquele que todos não ligam por só ter um braço. Venceremos porque temos tudo do nosso lado, inclusive o desprezo dos nossos adversários (VENANCIO, 2018, p. 31-32).

O *fato histórico* é que Uruguai encontrou, em sua estreia na Copa onde foi anfitrião, um retrancado Peru e venceu com um gol de Hector Castro, conhecido como “Manco” pela forma popular de se referenciar em língua espanhola aquele que possui apenas um braço. O *fato estórico* é a construção do comentário entre torcedores sobre os principais fatores do jogo e da Copa de 1930.

Isso perpassa os 20 livros da série, cada um representando uma Copa do Mundo.

O primeiro livro é *Estreia no Uruguai: A Copa de 1930 em 18 microcontos de futebol*.³ Relata os 18 jogos da Copa e, assim, as histórias da primeira Copa do Mundo de Futebol e a conquista pelos anfitriões uruguaios, que eram bicampeões olímpicos em 1924 e 1928.

O segundo livro é *Poder na Itália: A Copa de 1934 em 17 microcontos de futebol*.⁴ Relata os 17 jogos da Copa e, assim, as histórias da primeira Copa do Mundo

³ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Estreia-Uruguai-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07B43388P>

⁴ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Poder-Itália-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07B91HFWY>

na Europa, bem como o seu uso político por Benito Mussolini, culminando no primeiro título italiano.

O terceiro livro é *Decepção na França: A Copa de 1938 em 18 microcontos de futebol*.⁵ Relata os 18 jogos da Copa e, assim, as histórias da última Copa antes da Segunda Guerra Mundial mostrando tanto as questões políticas do nazi fascismo, culminando na dissolução da seleção austríaca, considerada a melhor do mundo na época, bem como as questões esportivas, tal como primeira grande campanha da seleção brasileira com Domingos da Guia e Leônidas da Silva.

O quarto livro é *Tragédia no Brasil: A Copa de 1950 em 22 microcontos de futebol*.⁶ Relata os 22 jogos da primeira Copa do pós-Guerra, sediada no Brasil. Destaque não só para o “Maracanazo”, mas para os demais jogos da Seleção Brasileira contra grandes seleções da época tal como a Espanha.

O quinto livro é *Milagre na Suíça: A Copa de 1954 em 26 microcontos de futebol*.⁷ Relata os 26 jogos da Copa onde os húngaros tinham um time invicto e dito imbatível, mas que perde na final contra a Alemanha no conhecido “Milagre de Berna”.

O sexto livro é *Encanto na Suécia: A Copa de 1958 em 35 microcontos de futebol*.⁸ Relata os 35 jogos da Copa que sagrou o Brasil campeão do mundo, revelando Pelé e Garrincha para o mundo. Além disso, mostra causos tal como da Argentina eliminada na primeira fase, mesmo com a ideia que eles tinham o melhor time sul-americano da época.

O sétimo livro é *Baile no Chile: A Copa de 1962 em 32 microcontos de futebol*.⁹ Relata os 32 jogos da Copa que sagrou o Brasil bicampeão do mundo, onde Garrincha encantou com os seus dribles.

⁵ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Decepção-França-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BFPXMF8>

⁶ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Tragédia-Brasil-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BK9STTZ>

⁷ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Milagre-Suíça-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BN7LGT6>

⁸ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Encanto-Suécia-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BRFN7LX>

⁹ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Baile-Chile-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BWSQBVB>

O oitavo livro é *Tradição na Inglaterra: A Copa de 1966 em 32 microcontos de futebol*.¹⁰ Relata os 32 jogos da Copa onde, finalmente, a Inglaterra, inventora do esporte, se sagrou campeã mundial. Além disso, mostra a eliminação do Brasil na primeira fase, bem como as confusões de Rattín enquanto líder da seleção argentina, a eliminação da Itália pela Coreia do Norte e o encantamento português do mundo com Eusébio e companhia.

O nono livro é *Hegemonia no México: A Copa de 1970 em 32 microcontos de futebol*.¹¹ Relata os 32 jogos da Copa do tricampeonato brasileiro, culminando com a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

O décimo livro é *Totalidade na Alemanha: A Copa de 1974 em 38 microcontos de futebol*.¹² Relata os 38 jogos da Copa do bicampeonato alemão, após derrotar a favorita e encantadora Holanda. Além disso, relata a crença em uma falsa superioridade brasileira, bem como a participação da Alemanha Oriental.

O décimo primeiro livro é *Grito na Argentina: A Copa de 1978 em 38 microcontos de futebol*.¹³ Relata os 38 jogos da Copa do Mundo onde o uso político do anfitrião retoma mais forte na história das Copas com o primeiro título argentino. Além disso, mostra os protestos silenciosos da população tal com o uso de faixas pretas nas traves e o Brasil considerado campeão moral da competição após ser eliminado antes da final por uma vitória de 6 a 0 da Argentina em cima do Peru.

O décimo segundo livro é *Desencanto na Espanha: A Copa de 1982 em 52 microcontos de futebol*.¹⁴ Relata os 52 jogos da primeira Copa com 24 equipes da história onde a Itália se torna tricampeã com um Paolo Rossi eliminando a encantadora Seleção Brasileira de Telê Santana.

¹⁰ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Tradi%C3%A7%C3%A3o-Inglaterra-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07BZLD39S3>

¹¹ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Hegemonia-M%C3%A9xico-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07CCC1LCN>

¹² Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Totalidade-Alemanha-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07C83QFLV>

¹³ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Grito-Argentina-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07CMK4Z16>

¹⁴ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Desencanto-Espanha-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07CVNLT KV>

O décimo terceiro livro é *Herói no México: A Copa de 1986 em 52 microcontos de futebol*.¹⁵ Relata os 52 jogos da Copa do Mundo do bicampeonato argentino, onde Diego Maradona fez, diante da Inglaterra, seus dois gols mais icônicos: o da “Mão de Deus” e aquele considerado o mais bonito das Copas do século XX, onde dribla praticamente o time inglês inteiro.

O décimo quarto livro é *Empate na Itália: A Copa de 1990 em 52 microcontos de futebol*.¹⁶ Relata os 52 jogos da Copa do Mundo onde a Alemanha se torna tricampeã mundial após derrotar a Argentina. Mostra as histórias de um Brasil pragmático, bem como uma Itália que surpreende a todos pela ofensividade.

O décimo quinto livro é *Calor nos Estados Unidos: A Copa de 1994 em 52 microcontos de futebol*.¹⁷ Relata os 52 jogos da Copa que marca o tetracampeonato brasileiro, bem como as histórias de jogos realizados ao meio-dia no forte verão californiano.

O décimo sexto livro é *Surpresa na França: A Copa de 1998 em 64 microcontos de futebol*.¹⁸ Relata os 64 jogos da primeira Copa com 32 equipes, quando a França se tornou campeã após uma polêmica final com o Brasil, atual campeão. Além disso, mostra a surpresa que foi a Croácia enquanto jovem seleção.

O décimo sétimo livro é *Esperança na Coreia, Respeito no Japão: A Copa de 2002 em 64 microcontos de futebol*.¹⁹ Relata os 64 jogos da Copa, a primeira a ser realizada fora do circuito Américas-Europa, do pentacampeonato brasileiro através dos pés de Ronaldo e Rivaldo. Além disso, mostra a melhor campanha de um africano em Copas, o Senegal.

¹⁵ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Herói-México-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07CY8PJSC>

¹⁶ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Empate-Itália-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07D1VV8MK>

¹⁷ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Calor-nos-Estados-Unidos-microcontos-ebook/dp/B07D3M93BN>

¹⁸ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Surpresa-França-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07D7H5V3S>

¹⁹ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Esperança-Coreia-Respeito-Japão-microcontos-ebook/dp/B07DD8LNDZ>

O décimo oitavo livro é *Retranca na Alemanha: A Copa de 2006 em 64 microcontos de futebol*.²⁰ Relata os 64 jogos da Copa do tetracampeonato italiano após uma final polêmica e marcada pela cabeçada de Zidane.

O décimo nono livro é *Barulho na África do Sul: A Copa de 2010 em 64 microcontos de futebol*.²¹ Relata os 64 jogos da Copa, a primeira realizada no continente africano, que consagra o futebol espanhol como melhor do mundo, além de mostrar as polêmicas da seleção brasileira, bem como a surpresa uruguaia com direito à atuação polêmica de Luis Suarez.

O vigésimo livro é *Farsa no Brasil: A Copa de 2014 em 64 microcontos de futebol*.²² Relata os 64 jogos da Copa que consagrou a Alemanha enquanto tetracampeã do mundo após vencer o Brasil na semifinal por 7 a 1 e a Argentina na final com um gol na prorrogação.

Esses vinte livros foram lançados antes do início da Copa do Mundo de 2018. Durante esta Copa, estão em elaboração dois livros: (1) *Orgulho na Rússia: A Copa de 2018 em 64 microcontos de futebol*, que contará a história dos 64 jogos da Copa; e (2) a coletânea, em comemoração ao fato de que a final da Copa de 2018 será o jogo 900 da história das Copas, *Um jogo, Uma estória: As Copas do Mundo de 1930 a 2018 em 900 microcontos de futebol*, reunindo todos os microcontos dos 21 livros das Copas.

Tal como foi relatado pela imprensa,

Futebol, literatura e Copa do Mundo. Tentando resgatar um gênero textual perdido na crônica esportiva, um jornalista e professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) iniciou uma empreitada – como ele mesmo definiu – para recontar de forma diferente todos os jogos de Copa do Mundo até 2018. Baseado no gênero ficcional do conto, o microconto, como o trecho que abre esta reportagem, Rafael Duarte Oliveira Venancio reconta, em 100 palavras, cada partida realizada nos Mundiais da Fifa. Com 20 obras publicadas, a 21^a, sobre a Copa do Mundo da Rússia, que começa nesta quinta-feira, será a primeira escrita em tempo real.

²⁰ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Retranca-Alemanha-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07DHWQQRX>

²¹ Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Barulho-África-Sul-microcontos-futebol-ebook/dp/B07DL83MNR>

²² Disponível na forma de ebook em: <https://www.amazon.com.br/Farsa-Brasil-Copa-microcontos-futebol-ebook/dp/B07DN4YGV4>

Misturando realidade e ficção, cada uma das 20 edições resultou em um livro em versão impressa e digital, com maneiras diversas para recontar e extrair o melhor de cada jogo. Rafael Duarte usa diálogos, pensamentos, ficção, flashbacks e outros recursos narrativos para atingir qualquer público.

– Existem diferentes formas de falar de futebol: sobre o jogo, sobre os números do jogo, e por que não podemos falar com o olhar mais solto da fabulação? Como contos, prosas, conversas, que é comum do brasileiro. Às vezes, perdemos isso. A ideia de trazer isso para falar de futebol, e de uma competição como a Copa do Mundo, é um jeito de pegar competições grandes e ter uma pequena história de cada jogo. Quem conhece muito sobre futebol, vai ver uma coisa diferente. Quem não conhece nada sobre Copa ou aquela época, aprende um pouco mais – disse (PAPEL, 2018, s/n)

2.4 O webdocumentário “Triângulo do Futebol”

Outra iniciativa, por parte do presente autor, seguindo a linha das crônicas televisionadas é o Projeto “Triângulo do Futebol: Comunicações e Culturas Esportivas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba” aprovado no Edital Universal 2015 da Fapemig com vigência entre 2016 e 2019. O projeto Triângulo do Futebol busca investigar as práticas culturais e comunicacionais que envolvem a prática do futebol, em suas diversas modalidades tais como profissional, amador (“de várzea”), educacional e escolar, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A ideia é realizar uma investigação histórica, de caráter documental e com entrevistas em campo, baseada nos princípios da Micro-história Italiana acerca dos atores e instituições envolvidas.

Dessa pesquisa resultará um webdocumentário composto por 90 episódios não lineares, baseado no conceitual atual de storytelling e narrativa transmidiática, envolvendo entrevistas, imagens de campo, recriações históricas. Para isso, será fundamental um conceitual narrativo posto pela investigação narratológica de atores de Literatura Fantástica latino-americana, tal como Gabriel Garcia Marquez, Jorge Amado, Eduardo Galeano e José Roberto Torero, que utilizaram o esporte, em especial o futebol, para movimentar sua poderosa amálgama de ficção e realidade. A ideia é que esse webdocumentário demonstre uma nova maneira de se realizar Jornalismo Esportivo - através de uma nova tecnologia midiática (webdocumentário transmídia) e de uma nova prática narrativa (Jornalismo Esportivo baseado em Literatura Fantástica) - que foque mais na vivacidade dos fatos (a “estória” de cada ator cultural-esportivo) do que o

atual Jornalismo Esportivo focado apenas em resultados e em comentários técnicos de lances.

A realização de produtos midiáticos com novos formatos (webdocumentário transmidiático) com novas formas de articulação de conteúdo (jornalismo que foque nas “estórias” dos fatos) são as formas de pesquisa aplicada que o campo científico da Comunicação possui. Quanto mais produtos experimentais, que utilizem as mídias digitais nos princípios mais inovadores, maior a possibilidade de construir novos debates e reflexões sobre assuntos de capacitação seja na graduação ou na pós-graduação, seja na interface dialogal com o mercado de trabalho. Realizar pesquisas práticas, tal como a realização do webdocumentário esportivo, é o campo ideal de práxis na pesquisa em Comunicação.

A ideia é que esse webdocumentário demonstre uma nova maneira de se realizar Jornalismo Esportivo - através de uma nova tecnologia midiática (webdocumentário transmídia) e de uma nova prática narrativa (Jornalismo Esportivo baseado em Literatura Fantástica) - que foque mais na vivacidade dos fatos (a “estória” de cada ator cultural-esportivo) do que o atual Jornalismo Esportivo focado apenas em resultados e em comentários técnicos de lances. Será uma forma de mostrar como o storytelling pode ajudar em novos campos de práxis audiovisual da comunicação em esporte.

Assim, verificamos três pontos de importância: (1) a realização de uma pesquisa, inédita em amplitude, acerca da prática do futebol (uma das principais práticas sociais e culturais, de cunho esportivo, no país) no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, reforçando o caráter de pesquisa que responda às questões do entorno social; (2) a experimentação do webdocumentário feito nas metodologias transmidiáticas do storytelling e de inspiração na Microhistória Italiana que representa um avanço de práxis na área da comunicação; e (3) a construção de uma nova forma de Jornalismo Esportivo, se unindo ao dito “jornalismo literário”, visando a humanização dessa forma comunicacional de relevância social.

Como podemos contar as estórias para além da história do futebol no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba? A ideia metodológica aqui em pesquisa aplicada/experimental em Jornalismo Esportivo conceitua sua metodologia em quatro

princípios: Transmídia, Microhistória, Narrativas Fantásticas Esportivas e Storytelling. Primeiramente, a transmídia é uma condição da narrativa:

O objetivo da narrativa transmídia é de quebrar as paredes que separam o público dos personagens. Para que os personagens vivam no mesmo mundo que o público e se comunicar com eles através dos mesmos dispositivos e meio que o mundo real. O objetivo da narrativa transmídia é proporcionar uma experiência imersiva na história (WEISMAN, 2009, s/n).

Assim, a transmídia se coloca como uma imersão narrativa bem como uma confluência de mundos narrativos, amalgamando tanto a relação autor-leitor, realizando as ideias de Roland Barthes (2008), bem como a relação entre a diegese veraz e a diegese ficcional. Isso se dá pela multiplicidades de linguagens midiáticas envolvidas no universo digital, bem como uma noção de cultura participativa imbuída de inteligência coletiva (JENKINS, 2009). Uma narrativa transmídia, dessa forma, é a plena interação diegética e adiegética (enunciado e enunciação) entre autores, personagens e leitores. Isso só se torna possível com uma maneira nova de construir histórias. Eis aqui o espaço da reflexão da Micro-história e das Narrativas Fantásticas. Por Micro-história, compreende-se um novo tipo de abordagem na construção da narrativa histórica, promovido pelo debate na cena italiana da ação dos historiadores que escreviam na revista *Quaderni Storici*:

A micro-história transformou-se sensivelmente desde os princípios do debate sobre a microanálise (e, em seguida, sobre o “paradigma indiciário” em meados dos anos 1970) até os seus desenvolvimentos mais recentes. Agregou novas indagações, sem perder de vista, no entanto, os elementos centrais que articulavam todo o projeto micro-histórico: o empenho em interpretar a realidade social a partir dos seus próprios termos (com o conseqüente esforço continuado de renovação das categorias interpretativas), questionar as fronteiras ambíguas da contextualização social e cultural, de discutir a pertinência e as conseqüências teóricas de explorar conscientemente as diferentes escalas de observação (LIMA, 2006, p. 386).

Assim, na Micro-história, a importância do indiciário, do indício (GINZBURG, 1990), é uma forma clara de vinculação ao universo informacional da Comunicação Social, onde esse método reforça o “compromisso de contar a história de pessoas

envolvidas na cultura popular. Apesar de existirem poucas fontes sobre pessoas comuns é possível seguir os poucos rastros deixados por elas” (VENERA, 2006, p. 181). Um dos exemplos de exercício indiciário no Jornalismo Esportivo, focado no Futebol do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, foi executado anteriormente pelo coordenador (VENANCIO, 2014b). E como podemos seguir esses rastros? A imaginação é um elemento forte na Micro-história, onde o realismo precisa da ajuda da imaginação para se completar, tal como Ginzburg deixa claro em seu texto.

“Triângulo do Futebol” busca transformar essa história, no caso a História do Futebol no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em estórias, seguindo a tradição da Literatura Fantástica Latino-Americana em retratar o futebol dessa maneira. Um exemplo disso foi trabalhado em pesquisa anterior desse coordenador (VENANCIO, 2014a), onde verificou-se que a crônica esportiva trabalhava com uma multiplicidade de mundos, amalgamando realidade, ficção, história, estória, fatos e causos. Para adaptar esse arcabouço de Micro-história com as narrativas fantásticas em um projeto transmídia, se torna necessária a busca por técnicas de storytelling. A opção aqui adotada, pelo webdocumentário, caracteriza a construção daqui que Stella Curran Bernard (2010) chama de não ficção criativa. Com um processo dividido em três partes, o storytelling teorizado por Bernard se vincula com o próprio ideário de produção tradicional em documentário (RABINGER, 2014). São elas: understanding story (entendendo a estória) vinculado com a pré-produção, working with story (trabalhando a estória) vinculado com a produção; e talking about story (conversando sobre a estória) vinculado com a pós-produção. Elas trabalham com a noção de um trabalho narrativo fílmico que busca uma reflexão mais historiográfica (Understanding Story com Micro-história), para uma realização mais literária (Working with Story com Jornalismo Literário Esportivo) que resulta em uma convergência midiática digital (Talking about Story com Transmídia).

Os primeiros vídeos deste projeto deverão ser lançados entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019.

Considerações finais

O presente ensaio mostra de maneira breve um assunto que demanda novas produções científicas, inclusive do presente autor: a literatura esportiva enquanto forma de jornalismo e sua tradição na imprensa brasileira de futebol. Além disso, compreender como isso pode ser uma maneira diferente da atual de falar sobre o esporte.

Tal como delineamos em outros textos, retomamos a ideia de Octavio Paz (1972, p. 9) de que o mundo não se apresenta mais como uma realidade que devemos nomear, mas como palavra que devemos decifrar. A palavra que o jornalismo esportivo busca decifrar – ou seja, sua realidade -, é a prática esportiva.

Só que isso não se resume em 22 humanos correndo atrás de uma bola ou outros humanos em carros correndo em círculos em uma via asfaltada com arquibancadas. O esporte é um dos elementos mais fortes do nosso imaginário, seja com seus objetos (competições, jogos, o esporte em si) e/ou com seus sujeitos (atletas, técnicos, torcedores).

Assim, lembrando a ideia posta por Vogt (1989, p. 73) de que “a história do homem é a história das transformações sociais, e o seu móvel, um princípio dinâmico de contradições.” (VOGT, 1989, p. 73) é chegada a hora de reconhecermos que o esporte faz parte dessa história, dessa realidade transmutada em linguagem e que o jornalismo esportivo é o principal ator desse processo de reconhecimento, compreensão e mudança.

Nisso, é hora de um retorno da valorização da crônica, do conto e de seus híbridos no jornalismo esportivo, bem como um exercício de uma produção ficcional que se baseia na realidade para incentivar não só o futebol e seu imaginário, mas o esporte como um todo.

Referências

- AIMÉE, A. “A Crônica Em Foco – Revisão Da Crítica E Análise Das Características Do Gênero”. **Cadernos Do Cnlf**, VOL. XII, Nº 07. Rio de Janeiro, 2008.
- ANDRADE, C. D. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANICA. “Bial, o cronista esportivo”. **Hellfire club**, 2006. Disponível em: <https://www.anica.com.br/2006/06/29/bial-o-cronista-esportivo/>
- BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BERNARD, S. C. **Documentary Storytelling: Creative Nonfiction on Screen**. New York: Focal, 2010.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. “Drama, Ritual e Performance em Victor Turner”. **Sociologia & Antropologia** V.03. n. 06. Rio de Janeiro. Novembro, 2013, p. 411–440.
- CRONFUT, “Futebol em Palavras”. **Sem título**. Instagram, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkYxFpEBKGI/?taken-by=cronfut>
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Aleph, 2009.
- LIMA, H. E. **A Micro-história Italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- NASCIMENTO, D. “Mario Filho, O Gigante Humanista”. **Revista Continente**, 2018. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/210/mario-filho--o-gigante-humanista>.
- PAPEL, L. “Futebol e literatura: Professor reconta jogos das Copas do Mundo em 100 palavras”. **Globoesporte.com**. Uberlândia: Globo Esporte Triângulo Mineiro, 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/futebol-e-literatura-professor-reconta-jogos-das-copas-do-mundo-em-100-palavras.ghtml>
- PAZ, O. “La máscara y la transparência”. In: FUENTES, C. **Cuerpos y ofrendas**. Madri: Alianza, 1972.
- RABINGER, M. **Directing the Documentary**. New York: Focal, 2014.
- RIBEIRO, A. “Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo”. **Ludopédio**, 2015. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo/>
- SCHMIDT, T. “Crônica: a tecnologia do árbitro de vídeo no 3º dia de Copa”. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro: Globo, 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/06/cronica-tecnologia-do-arbitro-de-video-no-3-dia-de-copa.html>
- STYCER, M. **História do Lance!** São Paulo: e-galaxia, 2015.
- SUHAMY, H. **A Poética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- VENANCIO, R. D. O. “Outros mundos do futebol: o exercício do isomorfismo linguístico na crônica esportiva”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11, n. 1. Florianópolis: UFSC, 2014a, p. 203-217.

VENANCIO, R. D. O. “O dia em que Fazendeiro saiu do Uberlândia Esporte Clube”. **Correio de Uberlândia Online**. Uberlândia: Algar Mídia, 23/10/2014b. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/blogs/lupa-esportiva/o-dia-quefazendeiro-saiu-uberlandia-esporte-clube/>. Acesso em 27/04/2015.

VENANCIO, R. D. O. **O modelo de Greimas**: entendendo a ação na narrativa. Amazon, 2017.

VENANCIO, R. D. O. **Estreia no Uruguai**: A Copa de 1930 em 18 microcontos de futebol. Amazon.com, 2018.

VENERA, R. S. “O método indiciário”. **Contrapontos**. V. 6, n.1. Itajaí, 2006, p. 179-183.

VOGT, C. “Os dois labirintos”. In: **Linguagem, pragmática e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

WEISMAN, Jordan. “Creators of Transmedia Stories: Jordan Weisman”. **Narrativedesign.com**, 17/08/2009. Disponível em: <http://narrativedesign.org/2009/08/creators-of-transmedia-stories-html/>. Acesso em: 28/04/2015.